

VIVENDO DO CAFEZAL: MODO DE VIDA E SUBJETIVIDADE DO TRABALHADOR RURAL VISTOS PELA LITERATURA DE TESTEMUNHO

Ettore MEDINA¹

RESUMO: As obras literárias que têm trabalhadores rurais como protagonistas foram pouco estudadas. Neste estudo são interpretadas as narrativas *Começar de novo*, *Consolar os aflitos* e *Às 10 a gente almoça*, do jornalista e escritor Murilo Carvalho. As narrativas são tomadas como meio privilegiado para a investigação do modo de vida e da subjetividade do trabalhador rural. A metodologia está baseada no cruzamento entre sociologia, psicologia e testemunho.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalhador rural. Modo de vida. Subjetividade. Literatura de testemunho. Murilo Carvalho.

Introdução

Os trabalhadores tiveram presença em muitas obras da literatura brasileira do século XX como narradores e personagens de escritores relacionados a propostas estéticas distintas. No entanto, o número de estudos voltados a essa presença é bastante pequeno, e se estreita ainda mais quando se tem em vista o trabalhador rural. O estudo que aqui apresento pretende contribuir para uma mudança neste quadro, e tem por objeto de investigação algumas narrativas do jornalista e escritor Murilo Carvalho cujos protagonistas são trabalhadores rurais volantes, também conhecidos como bóias-frias.

Murilo Carvalho foi responsável por reportagens que retratavam a vida dos trabalhadores rurais nos anos 1970 e início dos anos 1980, a maioria delas publicadas no jornal *Movimento*. Em certos momentos seu trabalho como jornalista serviu de base para criação de suas narrativas, como no livro de contos *A cara engraçada do medo*, de 1978. Este livro foi um dos resultados de uma viagem de cerca de 60 dias na qual Murilo Carvalho percorreu lavouras dos estados de São Paulo, Minas Gerais e Paraná realizando reportagens, colhendo relatos e conhecendo pessoalmente a vida difícil do trabalhador rural precarizado.

Este trânsito entre jornalismo e literatura permite pensar as narrativas de Murilo Carvalho como exemplos de literatura de testemunho. Murilo Carvalho não só viu as

¹ Bolsista CAPES. Doutorando em Ciências Sociais. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras. Pós-graduação em Ciências Sociais. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – ettoremedina@yahoo.com.br

condições de existência do trabalhador volante como ouviu as palavras desses trabalhadores. Assim, partiu daquilo que foi visto e escutado para escrever suas narrativas. Como nos sugere Jeanne Marie Gagnebin (2009), uma das maneiras de ser testemunha tem por base o exercício de conseguir ouvir a narração insuportável do outro, fazendo de suas próprias palavras um meio para levar adiante a história do outro. Trata-se de uma transmissão simbólica na qual a obra literária formata as experiências humanas vistas ou ouvidas pelo escritor. Neste sentido, as narrativas de Murilo Carvalho partem de experiências reais, mas as extrapolam. Ao formatar as experiências do outro, a obra literária adiciona a elas o trabalho da imaginação, que é possibilitado pela posição de onde o escritor conta os fatos que quer transmitir.

Nas narrativas *Começar de novo*, *Consolar os aflitos* e *Às 10 a gente almoça* o narrador – que, em outras palavras, pode ser entendido como a figuração estética do escritor – fala do ponto de vista de quem viu ou ouviu, mas não participou diretamente dos fatos. Esta posição do narrador implica um distanciamento estético do fato narrado que lhe permite, entre outras coisas, conhecer os pensamentos, emoções e desejos das personagens, como se pudesse adentrar a subjetividade do outro, demonstrando-a. Estas características fazem das narrativas em questão um importante objeto para a investigação do modo de vida dos trabalhadores volantes, e também um meio de conhecer suas subjetividades. Neste artigo, os temas das três narrativas em questão serão interpretados de maneira detalhada, sendo eles, respectivamente, a migração forçada, o suicídio, e a alimentação.

Murilo Carvalho era um jornalista engajado e bastante minucioso. Ao fazer suas reportagens dialogava com a produção das ciências sociais, o que pode ser constatado na reportagem “Volantes”, publicada no jornal *Movimento* no ano de 1975. Nesta reportagem o jornalista situa o surgimento do trabalhador volante no período pós-Segunda Guerra Mundial, entre os anos 1940. A principal causa para o surgimento desta nova condição de trabalho seria a lenta penetração do desenvolvimento capitalista no campo (CARVALHO, 1975). Até o período da Segunda Guerra Mundial, e também com intensidades distintas nas décadas de 1950 e 1960, as fazendas viviam o regime de colonato.

O colonato criava entre o proprietário das terras e o trabalhador uma relação muito próxima à de senhor e escravo, onde a voz do patrão era a grande lei. Sem nenhum direito trabalhista assegurado, o trabalhador dependia em tudo do fazendeiro, trabalhando como, onde, e quando ele determinasse, recebendo um pequeno salário, quase simbólico, e morando na própria

Vivendo do cafezal: modo de vida e subjetividade do trabalhador rural vistos pela literatura de testemunho

fazenda, em casas cedidas por ele. Geralmente, como uma liberalidade, o proprietário cedia ao colono um pequeno pedaço de terra onde ele podia plantar para o gasto. Mas era também bastante comum, dentro do colonato, o sistema de parceria, onde o trabalhador cuidava de uma determinada lavoura, preparando a terra, fazendo o plantio, as capinas e a colheita, para depois ceder ao proprietário das terras uma fração da produção que atingia às vezes 70%. (CARVALHO, 1975, p.12).

Relações trabalhistas como o colonato e a parceria se constituíam de maneira bastante assimétrica, impondo ao trabalhador rural uma situação de fragilidade e dependência frente ao grande poderio do proprietário da terra. A ausência de direitos trabalhistas fazia do trabalhador um alvo fácil da exploração do trabalho, em espaços que não eram observados pela lei. Na verdade, esta era determinada pela voz e pela vontade do proprietário da terra, que por qualquer capricho poderia dispensar o trabalhador. O colonato e a parceria – além das outras relações de trabalho existentes no campo – iam na contramão do modelo de desenvolvimento capitalista rural cuja tendência era a formação de empresas rurais, a fazenda sendo vista como uma unidade de produção. Uma consequência deste modelo seria a mudança das relações trabalhistas, com uma transformação do trabalhador agregado e sem direitos em trabalhador assalariado, que receberia uma quantia pré-fixada em troca de sua força de trabalho (CARVALHO, 1975).

Um marco importante na modernização das relações de trabalho no campo foi a promulgação do “Estatuto do Trabalhador Rural” no ano de 1963. O estatuto visava estender aos trabalhadores rurais os mesmos direitos adquiridos pelos operários urbanos, como salário mínimo, registro profissional, 13º salário, assistência médica, entre outros (CARVALHO, 1975). A criação de uma lei como o “Estatuto do Trabalhador Rural” apontava a possibilidade de avanços nas relações de trabalho no campo, potencialidade que foi frustrada por subterfúgios utilizados pelos proprietários de terra:

Os fazendeiros, assustados com os direitos adquiridos por seus camaradas, receosos de diminuir seus lucros com as obrigações trabalhistas, preferiram despedir seus empregados, desfazer as colônias. E passaram a contratar mão-de-obra avulsa, fixa ou eventual, conforme suas necessidades. Os trabalhadores, acostumados a morar em fazendas, sem outra especialização que não fosse a enxada, ficaram sem alternativas e viram-se compelidos a transferirem-se para as periferias das cidades, em geral próximas das fazendas onde originalmente trabalhavam, e dali prestar serviços eventuais aos fazendeiros. (CARVALHO, 1975, p.12).

Vivendo do cafezal: modo de vida e subjetividade do trabalhador rural vistos pela literatura de testemunho

Esta atitude dos fazendeiros teve grande impacto no modo de vida dos trabalhadores rurais. O sistema de colonato – e também as outras formas de relação de trabalho como a parceria –, embora bastante injusto, provia o trabalhador de certas benesses. Exemplos são o acesso a casas cedidas pelo proprietário da terra, e a possibilidade do uso de um pedaço de terra para o plantio de gêneros de subsistência como milho, feijão e arroz (SILVA, 2002). Ao ser obrigado a viver na cidade o trabalhador rural perdeu a moradia gratuita e também a possibilidade de plantar gêneros alimentícios, tendo de arcar com esses novos gastos. Além disso, foi obrigado a lidar com a figura do turmeiro, o sujeito que transportava os grupos de trabalhadores conhecidos como “turmas” da periferia das cidades para os locais de trabalho. O turmeiro era o dono do caminhão e servia de intermediário entre os trabalhadores e o fazendeiro, cabendo-lhe a responsabilidade de arregimentar os trabalhadores que fariam parte da turma, e realizar seu pagamento. Soma-se a esta situação bastante precária a mecanização das lavouras baseadas na produção de monoculturas, fenômeno que aumentava o número de trabalhadores expulsos da terra.

A expulsão dos trabalhadores da fazenda, juntamente com sua dependência em relação ao turmeiro foram fundamentais para o surgimento da figura do trabalhador volante, o bóia-fria. A nova condição impôs aos trabalhadores um alto grau de miserabilidade, fazendo deles sujeitos desenraizados, sem “eira nem beira”, obrigados a vivenciar um modo de vida precário, perigoso e instável. Esta situação fez da necessidade de se mudar de um local para outro uma constante, levando o trabalhador a experimentar um ritmo de vida determinado pela disponibilidade de trabalho. Assim, com o fim do plantio, do período de colheita, ou mesmo em decorrência de problemas na safra, o trabalhador era obrigado a se deslocar, em muitos casos enfrentando grandes distâncias.

É exemplar o caso de um dos trabalhadores entrevistados por Murilo Carvalho. No momento em que relatou sua situação o trabalhador nascido no Estado de Minas Gerais tinha 54 anos. Geraldino Fernandes da Silva estava com a esposa e filhos no acostamento da BR-369, estrada que liga a cidade de Londrina, no Paraná, a Bauru, em São Paulo. A família, e também o motorista do caminhão de mudanças pararam para o almoço. Geraldino diz que seu destino é a cidade de Três Pontas, no Estado de Minas Gerais. Ele e sua família estão voltando da cidade de Rolândia, no Paraná, onde trabalhavam como volantes. Ele, a esposa e os dois filhos mais velhos migraram de Minas Gerais para o Estado do Paraná há 16 anos na tentativa

Vivendo do cafezal: modo de vida e subjetividade do trabalhador rural vistos pela literatura de testemunho

de melhorar de vida. Agora voltavam em decorrência de uma geada que afetou os cafezais daquela região. Eis um trecho do relato de Geraldino da Silva, colhido por Murilo Carvalho:

A gente vai voltando pra Minas por precisão, se pudesse ficava no Paraná; os filhos mais velhos já casaram por lá e a gente acha ruim separar deles. Mas fazer o quê? A vida do roceiro anda difícil, só dá para trabalhar por dia, os fazendeiros não querem saber de deixar a gente morar nas fazendas, é só o diário e olhe lá. Agora, com essas geadas desse jeito, a coisa piorou. Resolvemos voltar pra Minas enquanto ainda tem um dinheirinho, senão depois ia ficar pior, porque no ano que vem ninguém vai ter lavoura de café produzindo e os trabalhadores vão ficar sem emprego. (CARVALHO, 1975, p.12).

A necessidade de regressar ao estado de origem é percebida como uma derrota, e tem como consequências a perda dos laços familiares e um recomeço forçado. O poderio do fazendeiro sobre a condição de trabalho se destaca no relato, demonstrando como esta condição impossibilita o trabalhador de criar vínculos, sua relação com a terra estando reduzida apenas à atividade para a qual foi “contratado”. Mesmo sendo realizada a contragosto, a viagem à cidade de Três Pontas se apresenta como uma saída frente ao pequeno leque de opções deste trabalhador, sendo também uma mostra das estratégias utilizadas pelo trabalhador volante para lidar com as adversidades impostas pelas condições de trabalho.

Sob o signo do desenraizamento

A narrativa *Começar de novo* pode ser lida como uma formalização estética realizada a partir do relato de Geraldino Fernandes da Silva. Assim como este trabalhador, o protagonista do conto é enfocado no momento em que está se mudando do estado do Paraná para a cidade de Três Pontas, em Minas Gerais, o Estado onde nasceu. As semelhanças tornam-se gritantes quando aproximamos a descrição do caminhão de mudanças que leva a família de Geraldino Fernandes da Silva e a primeira cena do conto.

No largo acostamento da BR-369 que liga Londrina, no Paraná, a Bauru, em São Paulo, está parado um caminhão carregado de mudança. Velhos guarda-roupas, cama, colchões, objetos de uso doméstico, amontoam-se na carroceria junto com um grupo de crianças. (CARVALHO, 1975, p.12).

O caminhão no relato ficcional:

Vivendo do cafezal: modo de vida e subjetividade do trabalhador rural vistos pela literatura de testemunho

Olhou: o guarda-roupa de espelho quebrado, colchão de riscadinho, a ponta de uma cama patente aparecendo por trás do guarda-comida, as trouxas de roupa, a engenhoca de moer cana, os bancos de pau, o saco de panelas, o saco de milho sobrado da safra, as duas galinhas no espaço curto entre os colchões, os três rapazes e a filha sentados no chão da carroceria, sobre as cobertas de lã. (CARVALHO, 1978b, p.81).

As duas cenas relatadas por Murilo Carvalho apresentam muitas semelhanças, ambas sendo descrições de caminhões de mudanças que levam os móveis, objetos pessoais, e os filhos de trabalhadores rurais volantes. A diferença está na posição adotada por Murilo Carvalho para realizar as descrições. Na primeira situação, o jornalista se utiliza do ponto de vista daquele que está presenciando a situação, vendo-a diretamente. Na cena literária, temos um narrador em terceira pessoa que não participa da cena narrada. De sua posição, anuncia que a personagem vê o caminhão e conta aquilo que a personagem vê. Além de ver a personagem, vendo também aquilo que a personagem vê, o narrador também tem acesso aos sentimentos que perpassam a subjetividade da personagem em meio aos acontecimentos que compõem a mudança.

O motorista disse: vamos cobrir com a lona. E a frase soou como repetida cantiga em seus ouvidos. Olhou o caminhão e lembrou a outra vez, em Minas, um dia de partida, seis anos atrás, como a mulher nunca o deixara esquecer, e viu: o guarda-roupa de espelho quebrado, colchão de riscadinho, a ponta de uma cama patente aparecendo por trás do guarda-comida, as trouxas de roupa, a engenhoca de moer cana, os bancos de pau, o saco de panelas, o saco de milho sobrado da safra, as duas galinhas no espaço curto entre os colchões, os três rapazes e a filha sentados no chão da carroceria, sobre as cobertas de lã. E o motorista que havia dito: vamos cobrir com a lona. (CARVALHO, 1978b, p.81).

Esta citação é o segundo parágrafo do conto. Como pode ser visto, o escritor se vale da repetição de quase todo o primeiro parágrafo para narrar a lembrança que afeta a personagem no momento em que olha para o caminhão. A aproximação entre os dois primeiros parágrafos do conto “Começar de novo” é um bom exemplo da solução estética criada por Murilo Carvalho para representar a subjetividade do trabalhador volante. A lembrança é escrita com as mesmas palavras, dispostas na mesma ordem utilizada na cena do momento presente. Esta construção narrativa gera um efeito paradoxal, algo como um tempo que não passa, ou mesmo um tempo constituído por diversos momentos bastante semelhantes entre si, nos quais um

Vivendo do cafezal: modo de vida e subjetividade do trabalhador rural vistos pela literatura de testemunho

momento presente evoca uma lembrança que lhe é praticamente igual. Assim, mudança e permanência se tornam quase que uma coisa só, em uma temporalidade que perde sua principal qualidade: a abertura para o novo, para o diferente, para uma situação ainda não vivida. Na verdade, a percepção da mudança se denuncia por pequenos traços que apontam a passagem do tempo, e que não evocam nenhuma lembrança, como nesta cena onde o protagonista percebe a vestimenta simples de sua esposa, apenas um vestido escuro e um casaco de lã: “Olhou e viu os buracos remendados no cotovelo, esses buracos que ele não se lembrava deles e que certamente tinham nascido ali na terra roxa, onde se juntava dinheiro no rastelo.” (CARVALHO, 1978b, p.82). Aqui, a passagem do tempo anuncia o aumento da pauperização da mulher, que traja uma vestimenta já bastante gasta pelo uso.

A temporalidade contraditória e esvaziada de sentido perpassará quase todos os momentos que compõem o conto, afetando as lembranças e também as esperanças do protagonista. A representação literária desta temporalidade está pautada no uso da repetição do discurso, da mesma maneira como foi mostrada acima. Assim, a esperança que invade o protagonista do conto no momento em que pensa nos cafezais de Minas Gerais é a mesma que sentira em outros momentos de sua vida, diante de outros cafezais de Minas Gerais. O mesmo ocorre com as projeções que invadem sua consciência, onde vê a si mesmo, a sua mulher e seus filhos trabalhando:

E ele se via, via a mulher, via os filhos, via a filha, eles de novo em Minas, em outros caminhões, montados na carroceria de muitos caminhões, em eternas outras madrugadas, mal acordados do sono grosso, indo nas colheitas, aqui, ali, sem raízes, soltos como as folhas dos caquizeiros no outono. (CARVALHO, 1978b, p.84).

Nesta passagem do conto é possível perceber a pouca variabilidade dos espaços e situações vivenciadas pelo trabalhador volante. O protagonista antevê as infundáveis viagens de caminhão que esperam ele e sua família, que nunca para e nem tem a oportunidade de criar raízes. Seguirão em um modo de vida determinado por uma condição de trabalho que os obriga a um tipo de mudança constante que na verdade é a repetição do mesmo.

O suicídio como consequência do desenraizamento

Vivendo do cafezal: modo de vida e subjetividade do trabalhador rural vistos pela literatura de testemunho

Na narrativa *Consolar os aflitos* uma personagem é enfocada chorando. Lágrimas antigas, que estavam guardadas debaixo dos olhos há muitos anos desciam, iam escorrendo através dos pelos da barba, até chegarem ao curativo no pescoço. Aos poucos, o narrador em terceira pessoa vai mostrando quem é aquele homem que está chorando e onde ele está. Neste movimento, demonstra ao leitor a diferença entre o alcance do olhar de um sujeito que presencia a cena, e as capacidades reservadas àquele que se envereda pela criação literária. Uma pessoa que visse aquele velho chorando sozinho pensaria na tristeza, lembraria da solidão da velhice e teria uma enorme vontade de consolá-lo. Já alguém que pudesse adentrar sua subjetividade – a expressão usada é “entrar no peito dele” – saberia porque um velho com cheiros de terra e de plantas no corpo estava ali naquela cama da enfermaria masculina, uma cama separada com uma cortina, que a enfermeira reservava para os suicidas (CARVALHO, 1978c).

Feita esta apresentação da personagem – que é o protagonista – e do local onde ela se encontra, o narrador se volta para o esforço daquela em lembrar o acontecimento que a levara até a cama da enfermaria. “Chorava de olhos fechados, lembrando, relembando, esmiuçando a manhã de segunda-feira – agora era terça de tarde. Revia tudo devagarinho.” (CARVALHO, 1978c, p.10). As palavras utilizadas pelo narrador para referir-se à recordação do protagonista denunciam o caráter traumático do acontecimento a ser lembrado. A experiência traumática é aquela onde o real é vivenciado em excesso, não podendo ser totalmente assimilada enquanto ocorre. Assim, como mostra Sigmund Freud, a repetição da cena do choque violento que ocasionou o trauma acomete o sujeito. Isto acontece por ele ter necessidade de dar limites àquilo que não foi submetido a uma forma no ato da recepção (SELIGMANN-SILVA, 2006). Além disso, é característico das lembranças e dos sonhos traumáticos uma grande nitidez e riqueza de detalhes. Voltando às palavras do narrador, o protagonista não só lembra, mas relembra e esmiúça a manhã do acontecimento. Revê tudo devagarinho, expressão que sugere nitidez e lentidão para as imagens que vêm à consciência.

Adentrando a subjetividade do protagonista o narrador nos mostra o início do processo que desencadeará uma crise. Ele, um avô, revê as crianças entrando no quarto e o chamando. Estava escuro e o caminhão para a roça demoraria a passar, por isso estranhou aquele chamado. Levantou-se e foi fazer um café. Em meio a este movimento a casa bastante simples é mostrada, sendo marcante descrição da cama da filha encostada no fogão, em um canto

Vivendo do cafezal: modo de vida e subjetividade do trabalhador rural vistos pela literatura de testemunho

esfumaçado. A cama estava vazia desde o dia em que fora embora procurar emprego na cidade de São Paulo. Há nesta cena uma figuração do desmembramento familiar em decorrência da necessidade de procurar trabalho, tema que já fora abordado por Murilo Carvalho na narrativa *Começar de novo*. Na continuidade da lembrança, é mostrada a crise que acomete o protagonista.

O velho, chorando, recordava, se via de novo naquela madrugada, sentado na cadeira, olhando as latas de mantimentos vazias. Se via lá na cozinha, os netos acordados, quietinhos de frio, mas acordados, e ele sabia porque eles estavam acordados, sabia o que a fome faz na barriga da gente. Viu que tinha chegado perto do fim das coisas. Sem mantimentos, sem dinheiro, os netos acordados de fome. E cresceu nele uma raiva nervosa que não tinha rumo, que ele não poderia dirigir para ninguém, uma raiva de ver as crianças com fome e não ter comida para dar, derrotado, um homem incapaz de alimentar duas crianças. Sabia que não tinha mais de onde tirar dinheiro, o empreiteiro só paga no fim da semana e ainda era apenas segunda-feira. E então riu, dentro da raiva, quando se lembrou que de nada adiantava esperar o fim da semana, que não tinha mais emprego, que estava ficando velho demais, que fora do tempo da panha de café só os mais moços estavam trabalhando. (CARVALHO, 1978c, p.11-12).

Embora seja pouco usual, esta longa citação é necessária para o desenvolvimento da discussão. A cena mostra uma situação intensa e terrível, e traz consigo alguns dos principais conflitos existentes na velhice, como o isolamento social, a desolação, a dependência, a desvalorização, o desprestígio, a perda de autoridade e de auto-afirmação (GOLDMAN; GOLDMAN, 1977). De certa forma, é possível ver na cena uma mistura de todos os conflitos mencionados por Frank e Demarisse Goldman. Eles estão dispostos e misturados nas emoções que afetam o protagonista do conto, acumulando-se uns aos outros de maneira aguda. Esta configuração excessiva autoriza a pensar a cena como uma situação traumática, que será vivenciada de maneira patológica pelo protagonista. Para Manoel Tosta Berlink, a palavra patologia deriva do grego *pathos*, que significa sofrimento. Daquela palavra derivam também paixão e passividade (BERLINK, 2000 apud MACEDO; WERLANG, 2007). Ainda segundo Berlink (2000, p.18), quando o *pathos* acontece, “[...] algo da ordem do excesso, da desmesura se põe em marcha sem que o eu possa se assenhorar desse acontecimento, a não ser como paciente, como ator.” Vale a pena conferir o comentário de Mônica Macedo e Blanca Werlang sobre o conceito de *pathos*:

Vivendo do cafezal: modo de vida e subjetividade do trabalhador rural vistos pela literatura de testemunho

A desmesura de *pathos* alude a algo que excede, que vai além do possível de ser suportado. Assim, entende-se ser pertinente propor uma articulação entre a noção de patologia e uma situação de invasão de intensidades decorrentes do traumático no território psíquico. Entende-se ser a “patologia” um processo que envolve sempre a noção de temporalidade, na medida que alude ao ocorrido antes, remete à sucessão de fatos e a acontecimentos importantes na vida da pessoa. (MACEDO; WERLANG, 2007, p.92).

Há no comentário das autoras uma aproximação entre as noções de *pathos* e de trauma, existindo em ambas a questão do excesso de estímulos que invadem o sistema psíquico. Além disso, as noções *pathos* e trauma se enlaçam a uma temporalidade que lhes é específica. Para o psicólogo social argentino Alfredo Moffatt (1983), a psicopatologia advém de uma desorganização da temporalidade. Moffatt diz isso embasado na suposição de que a consciência é pontual, sendo a vivência da continuidade do eu o resultado de uma longa conquista humana. Assim, os seres humanos adquiriram a capacidade de constituir uma sequência, ou seja, a capacidade de imaginar-se dentro de uma sucessão imaginária de presentes que os sustentam (MOFFATT, 1983). É a cultura a instância responsável por assegurar a continuidade do eu no tempo. Quando a trama cultural de sustentação do eu no tempo se desfaz, vem a crise: “A crise se manifesta pela invasão de uma experiência de paralisação da continuidade do processo da vida. De repente, nos sentimos confusos e sós, o futuro se nos apresenta vazio e o presente congelado.” (MOFFATT, 1983, p.13).

Na cena do conto o protagonista se perturba com o fato dos netos estarem acordados. Não dormem porque têm fome, uma pulsão que o protagonista confessa conhecer bem. A sequência de faltas (a fome dos netos, a falta de mantimentos, a falta de dinheiro, a impossibilidade de trabalhar por ser velho demais) afeta o protagonista, que tem a impressão de ter chegado ao fim das coisas. Trata-se de um exemplo de desestruturação da trama cultural da continuidade do eu, decorrente da invasão de uma experiência de paralisação do processo de continuidade da vida. Assim, a crise se manifesta. Frente à crise, o trabalhador vê crescer em si “uma raiva nervosa que não tinha rumo, que não poderia dirigir a ninguém”. Não podendo fazer nada em relação a desmesura e excesso do vivido, o único ato que pode fazer é contra si mesmo. Tentará o suicídio.

Do ponto de vista da explicação freudiana, pode-se dizer que a crise provém da situação excessiva – portanto traumática – vivenciada, que gera dor psíquica. Para Macedo e Werlang (2007) algumas situações de tentativa de suicídio são decorrentes de contextos nos

quais o sujeito se vê acometido por um excesso (trauma) que seu aparelho psíquico mostra-se incapaz de processar e metabolizar. Sendo incapaz de dar significado ou sentido para a dor que sente, age esta dor, passa ao ato. Em outras palavras, a tentativa de suicídio pode ser pensada como uma forma de dar vazão à situação excessiva vivenciada via ato de tirar a própria vida.

Na continuidade de sua lembrança, o protagonista revê as crianças encolhidas pelo frio danado que ele também sentia, “[...] um frio agudo que foi se misturando com a raiva e virou um desejo, um medo, uma certeza; que puxavam sua mão para a faca e a lembrança para o jeito certo de matar o frango, limpando bem as penas do pescoço.” (CARVALHO, 1978c, p.12). Novamente nas palavras de Macedo e Werlang (2007, p.91): “A intolerância do aparelho [psíquico] frente ao que o invade gera uma tendência a desprender-se dessa situação por caminhos conhecidos, os quais foram eficazes em situações anteriores.” No caso, o caminho conhecido é o “jeito certo de matar o frango”. No último momento revisto em sua lembrança, vem-lhe à mente a maneira como procurou a própria garganta com a lâmina crua da faca.

A propósito da alimentação do trabalhador bóia-fria

A narrativa *Às 10 a gente almoça* tem por tema a forma pela qual os trabalhadores volantes realizam seu almoço. A alcunha “bóia-fria” vem do fato desses trabalhadores saírem de casa muito cedo, às vezes em plena madrugada, levando a alimentação do dia em uma marmita. No momento em que almoçam, a comida está fria. Pio Azevedo, trabalhador volante com a idade de 36 anos fez o seguinte comentário em um relato colhido por Murilo Carvalho: “Eles chamam nós de bóia-fria porque a gente tem que levar a marmita de comida pra roça e na hora de comer está fria, não dá para esquentar, acho que é por isso que o pessoal brinca e chama nós de bóia-fria.” (CARVALHO, 1975, p.12).

De acordo com a investigação de Murilo Carvalho na reportagem “Volantes”, o conteúdo e a forma da alimentação dos trabalhadores volantes é reveladora do grau de precariedade em que vivem. Como mostrado no início do artigo, a expulsão do trabalhador das fazendas significou a impossibilidade de plantar gêneros de subsistência, fenômeno que teve por consequência direta uma redução na qualidade da alimentação. Os salários

Vivendo do cafezal: modo de vida e subjetividade do trabalhador rural vistos pela literatura de testemunho

miseráveis impediam os trabalhadores de terem acesso a uma alimentação nutritiva e variada, levando-os à desnutrição e ao adoecimento constantes. Além disso, o modo precário de se alimentar contribui para um altíssimo índice de verminoses. Soma-se a esta situação o fato da alimentação ter de ser de rápido e fácil preparo, pois um preparo mais demorado obrigaria as mulheres – que na maior parte das vezes são as responsáveis por fazer a comida – a levantarem ainda mais cedo.

O narrador focaliza o protagonista do conto no cafezal, valendo-se de uma descrição rica em detalhes, que enfatiza as sensações e o mal-estar vivenciado. Ele está agachado realizando a “panha” do café. Está muito frio, mas as duas blusas que veste fazem com que quase sinta calor. Diferentemente de outros trabalhos no campo que envolvem ferramentas – como o corte de cana de açúcar, por exemplo – a colheita do café obriga o trabalhador a passar as mãos nuas nos galhos da planta; a expressão usada pelos trabalhadores é “correr a mão pelas varas”. Trata-se de um tipo de trabalho que machuca e suja as mãos de uma maneira peculiar: “O melado escuro dos grãos maduros entranhava na mão, grudento de terra, de restos de folhas; e toda vez que ele coçava algum lugar na cara, debaixo do nariz, ficava uma nódoa marrom que se misturava com as manchas avermelhadas das espinhas.” (CARVALHO, 1978a, p.15). O protagonista e seu irmão estavam afundados em uma rua do cafezal e trabalhavam apressadamente.

O irmão, achando que eram quase 10 da manhã chamou o protagonista para almoçar, pois ele nem se lembrava da fome. As informações dadas pelo narrador fazem pensar que aqueles trabalhadores tinham dificuldades para medir o tempo, pois dependiam de um sol fraco, amarelo, que pouco clareava. Além disso, é necessário lembrar que os trabalhadores volantes eram muitas vezes obrigados a enfrentar jornadas de até 12 ou 13 horas de trabalho. Caso não se submetessem a tais extensas jornadas, deixariam de ser levados para o trabalho pelos turmeiros, que por sua vez queriam fazer uma boa imagem aos fazendeiros, mostrando que suas turmas eram bastante produtivas (CARVALHO, 1975). Neste sentido, tanto a fruição do tempo quanto o acesso aos espaços de trabalho eram heterodeterminados, fugiam ao controle do trabalhador volante.

Em meio a um universo de tanta pobreza, uma marmita nova pode se tornar um objeto desejável, que distingue seu dono dos outros trabalhadores. Este é o caso do irmão do protagonista, que havia comprado uma marmita nova, de alumínio, que exibia no caminhão de

turma durante o trajeto de ida e de volta. Ecléa Bosi chama esse tipo de objeto de “objeto de *status*”. Um objeto que pode ser usado com a intenção de uma exposição que interessa o olhar do outro, que visa causar um olhar social. Assim, este objeto adquire uma aura, “[...] a do *status*, onde estão embutidos valores de distinção, superioridade, competição.” (BOSI, 2004, p.28). O protagonista, que usava uma marmita dada pelo irmão, já velha e marcada por pontos de ferrugem, desejava uma marmita nova como aquela. Já o irmão fazia questão de comer na frente dos outros, mostrando a marmita. No entanto, na manhã em que a narrativa acontece, o irmão não procurou os outros, somente sentou-se e comeu. Fez isso porque na marmita havia apenas pedaços de mandioca cozida, bem frios. Frente à pobreza da refeição, a aura da marmita perde seu efeito social, sendo obscurecida pela força do real valor de uso desse objeto.

O protagonista encontrou dificuldades para fazer sua refeição. Não tendo trazido o garfo, chateou-se com a mão suja pelo trabalho. Após mastigar o pedaço de mandioca, o engoliu com dificuldade e sentiu uma sensação de engasgo. Foi até a garrafa d’água e bebeu: “[...] era uma garrafa de coca-cola família, cheia d’água, que ele precisava beber com cuidado porque tinha um pequeno quebrado no gargalo capaz de cortar a boca.” (CARVALHO, 1978a, p.18). Esta situação remete ao sistema de vida que Alfredo Moffatt denominou “cultura da pobreza”. Neste, toda a organização do cotidiano é determinada pela pauperização (MOFFATT, 1981). Uma das características desse sistema de vida é a presença de técnicas instrumentais de reaproveitamento de objetos que anteriormente eram destinados a outro fim. Ainda segundo Moffatt, a cultura da pobreza está presente entre os trabalhadores “tarefeiros”, ou ocasionais, que são aqueles que vivem em áreas de pobreza extrema, mesmo em países de grande desenvolvimento econômico. Após a cena onde o protagonista bebe água da garrafa de coca-cola, a narrativa passa por uma mudança brusca.

Fechou os olhos e mordeu um pedaço de frango dourado, assado no forno de lenha, era frango de domingo, de festa, que ele comia devagar, mastigando lentamente e sentia os fiapos macios, salgados no ponto certo. De repente mordeu uma pelezinha torrada, deliciosa, que, croc, estalou como biscoito, entre os dentes. Depois, os olhos fechados, escolheu uma asa, bem sequinha e mordida com jeito os ossinhos miúdos, saboreando cada salgadinho tostado. Comeu o peito, o santo-antônio, e quando chegou no sobrecu viu que já não queria mais frango. Então começou a comer um lombo assado, dourado, cheirando claro, com arroz soltinho e a carne era ainda mais macia do que o frango. Achou que valia comer um pedaço de queijo: mastigou com gosto o

Vivendo do cafezal: modo de vida e subjetividade do trabalhador rural vistos pela literatura de testemunho

queijo amanteigado, puro favo de coalho, bem espremido, sem soro. Agora cada mordida era uma coisa: comeu beterraba, macarrão, linguiça, filé, lambari torrado, ensopado de bagre, codorna, pomba, chupou cana, comeu goiaba, chocolate, doce de leite, arroz de forno – foi misturando tudo, salgado, doce – punha bolo de amendoim na boca, mastigava e tudo virava pamonha quentinha, com pedaços de queijo fresco derretendo, mastigava devagar e comia peru, comia carneiro, pernil. E no fim vinha mastigando quitute de boi, que vem numa latinha quadrada, e que ele nunca sabia o gosto, mas mastigava assim mesmo, com pão de padaria. E cada golada da garrafa d’água era doce guaraná. (CARVALHO, 1978a, p.19).

Tenho por hipótese que a cena do banquete – que é a solução estética encontrada por Murilo Carvalho para representar a forma pela qual o protagonista do conto enfrenta uma refeição pobre, fria e insossa – deve ser entendida como um sonho diurno.

Para o filósofo Ernst Bloch, a vida dos seres humanos é perpassada por sonhos diurnos. Se uma parte deles é apenas uma fuga, outra parte, porém, instiga, “[...] não permite se conformar com o precário que aí está, não permite a resignação.” (BLOCH, 2005, p.14). Ainda segundo o filósofo, enquanto o ser humano se encontrar em maus lençóis, a sua existência será perpassada por sonhos diurnos, que são sonhos de uma vida melhor que a que lhe coube até o momento (BLOCH, 2005). As afinidades entre a cena do banquete e o pensamento de Ernst Bloch aumentam se for levado em consideração que para esse filósofo a pulsão humana fundamental é a fome. Os sonhos diurnos “[...] sempre procedem de uma carência e querem se desfazer dela. Todos eles são sonhos de uma vida melhor.” (BLOCH, 2005, p.79). É próprio deste tipo de sonho não ser opressivo, pois ele está em poder do sonhador, e o herói do sonho diurno é sempre a própria pessoa adulta. Este domínio do sonhador sobre as imagens e o conteúdo do sonho está presente na cena, e pode ser visto nos momentos em que o protagonista escolhe os alimentos: “já não queria mais frango. Então começou a comer lombo assado” (CARVALHO, 1978a, p.19). Ou neste trecho: “Achou que valia a pena comer um pedaço de queijo” (CARVALHO, 1978a, p.19). As imagens que compõem a cena do banquete que é sonhado representam o desejo do trabalhador bóia-fria em reaver sua dignidade, podendo se alimentar no horário em que as outras pessoas se alimentam, com uma alimentação rica e variada, de forma limpa e tranquila, sem a sujeira e a inadequação do cafezal.

Após a representação do banquete o protagonista está cheio. Abre os olhos, limpa a boca e, satisfeito, vai chamar o irmão que não conseguiu engolir os pedaços de mandioca para

voltarem ao trabalho. O narrador não informa o que de fato aconteceu, apenas mencionando que a marmita está vazia. Esta construção narrativa sugere uma imbricação entre as instâncias do sonho e do real, cabendo ao leitor pensar.

Considerações Finais

As narrativas de Murilo Carvalho interpretadas neste estudo permitiram uma investigação do modo de vida do trabalhador volante que realiza seu trabalho nos cafezais. Além disso, a formalização estética de fatos anteriormente presenciados e ouvidos pelo escritor revelou aspectos da subjetividade desses trabalhadores que foram espoliados social e economicamente. Murilo Carvalho, ao testemunhar as histórias dos trabalhadores e realizar as narrativas a partir delas, contribui para evitar uma das consequências mais brutais da espoliação enfrentada pelo trabalhador rural precarizado: a espoliação da memória. Assim, a transmissão simbólica da história do outro através da obra literária, apesar e por causa do sofrimento que elas portam, possibilita uma retomada reflexiva do passado que pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, ousando esboçar uma outra história, inventando um outro presente (GAGNEBIN, 2009). Um passo necessário e possível para a superação dessa espoliação, e ainda não realizado, é a reforma agrária. Já no ano de 1975 o trabalhador semi-alfabetizado Benedito da Costa, mesmo sem conhecer leis ou teorias, apontava para ela: “[...] o melhor de tudo era se a gente tivesse um lugarzinho para plantar, coisa da gente, pequenininho que era.” (CARVALHO, 1975, p.12).

LIVING FROM THE COFFEE PLANTATION: SUBJECTIVITY AND WAY OF LIFE OF THE RURAL WORKERS SEEN UNDER THE PERSPECTIVE OF THE LITERATURE OF TESTIMONY

ABSTRACT: *The literary works whose protagonists are rural workers were until now not enough studied. In this study the narratives “Start again”, “Comfort the afflicted” and “At 10 we have lunch”, from the journalist and writer Murilo Carvalho, are interpreted. The works are taken as a privileged means for the investigation of the rural workers’ way of life and subjectivity. The methodology will be based on the intersections between sociology, psychology and testimony.*

KEYWORDS: *Rural worker. Way of life. Subjectivity. Literature of testimony. Murilo Carvalho.*

REFERÊNCIAS

- BERLINK, M. T. O que é psicopatologia fundamental. In: _____. **Psicopatologia fundamental**. São Paulo: Escuta, 2000. p.11-26.
- BLOCH, E. **O princípio esperança**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.
- BOSI, E. Objetos biográficos e objetos de status. In: _____. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. 2.ed. Cotia: Ateliê, 2004. p.25-31.
- CARVALHO, M. Às 10 horas a gente almoça. In: _____. **A cara engraçada do medo**. São Paulo: Hucitec, 1978a. p.13-19.
- _____. Começar de novo. In: _____. **A cara engraçada do medo**. São Paulo: Hucitec, 1978b. p.79-84.
- _____. Consolar os aflitos. In: _____. **A cara engraçada do medo**. São Paulo: Hucitec, 1978c. p.7-12.
- _____. Volantes. **Movimento**, São Paulo, n.17, p.12-14, 1975.
- GAGBEBIN, J. M. Memória, história, testemunho. In: _____. **Lembrar, esquecer, escrever**. 2.ed. São Paulo: 34, 2009. p.49-57.
- GOLDMAN, F. P.; GOLDMAN, D. M. **Alguns aspectos sobre o processo de envelhecer**. Piracicaba: Franciscana, 1977.
- MACEDO, M. M. K.; WERLANG, B. S. G. Trauma, dor e ato: o olhar da psicanálise sobre uma tentativa de suicídio. **Ágora**, Vitória, v.10, n.1, p.89-106, 2007.
- MOFFATT, A. **Terapia de crise: teoria temporal do psiquismo**. São Paulo: Cortez, 1983.
- _____. A cultura popular. In: _____. **Psicoterapia do oprimido**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1981. p.73-111.
- SELIGMANN-SILVA, M. Apresentação da questão: a literatura do trauma. In: SELIGMANN-SILVA, M. (Org.). **História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2006. p.45-58.
- SILVA, M. A. M. De colona a bóia-fria. In: PRIORE, M. D. (Org.). **Histórias das mulheres no Brasil**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2002. p.554-577.